XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA: A EDUCAÇÃO POPULAR E O FORJAR DE IDENTIDADES COLETIVAS.

Maria Mannuella Santos de Ameida[1]
almeida.mannuella@gmail.com[1]
Universidade Federal de Pernambuco/ Campus Acâdemico do Agreste[1]
Brasil[1]

RESUMO

O estudo trata do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a perspectiva da construção de identidades coletivas, a partir de processos educativos presentes na luta pelo direito, dos Movimentos Sociais. Neste trabalho, buscou-se compreender como os processos educativos adentrados nos Movimentos Sociais do Campo contribuem para a formação de identidades coletivas. Os estudos sobre a Educação nos Movimentos Sociais, Educação Popular, e Identidades Coletivas alicerçaram o estudo teórico da literatura na área (ARROYO, 2007; 2012; BRANDÃO 2006; CALDART,2004; CHAUI, 1982; COSTA, 2002; FREIRE, 1983; GONH, 2005; MORIN, 1996; SILVA, 2012), aliando- os a observação participante das práticas educativas realizadas no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e a análise dos dados obtidos na experiência com os Sujeitos no âmbito do Movimento, adotando a abordagem qualitativa (MINAYO, 1994) e técnicas de procedimentos exploratório-explicativas (OLIVEIRA, 2007) e (GIL, 2005), utilizando o método do caso alargado (LAGE,2005) e a análise de conteúdo temática (BARDIN,2009). A vivência em determinada realidade, é fator basilar para a construção da identidade de um sujeito, que se dá através de vivências numa relação dialógica com o meio. O sujeito, em especial o Trabalhador Rural Sem Terra, vê-se em uma condição subalternizada, e ao entrar em contato com Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra, há um processo de conscientização política adentrado nas práticas educativas do Movimento que contribuem para a formação de identidades coletivas, culminando em um processo emancipador. Neste sentido, a Educação Popular presente no Movimento, coloca-se como uma relação dialógica entre os sujeitos e o seu meio, propiciando aos sujeitos constituírem-se como protagonistas de suas próprias histórias, assim a Educação Popular emerge nos Movimentos Sociais como uma proposição à perspectiva emancipatória. Percebemos, que a construção da identidade coletiva dá-se através das experiências vivenciadas no Movimento, por meio de vivências nos acampamentos, nas reuniões, nas marchas, nas místicas, entre outras ações que contribuem de forma significativa para a formação de identidades coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Educação Popular. Identidades Coletivas.

RESUMEN

El estudio trata del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) y la perspectiva de la construcción de identidades colectivas, a partir de procesos educativos presentes en la lucha por el derecho, de los Movimientos Sociales. En este trabajo, se buscó comprender cómo los procesos educativos adentrados en los Movimientos Sociales del Campo contribuyen a la formación de identidades colectivas. Los estudios sobre la Educación en los Movimientos Sociales, Educación Popular, e Identidades Colectivas fundaron el estudio teórico de la literatura en el área (ARROYO, 2007; 2012; BRANDÃO 2006; CALDART, 2004; CHAUI, 1982; COSTA, 2002; FREIRE, 1983; GONH, 1983; En el marco del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra, y el análisis de los datos obtenidos en la experiencia con los Sujetos en el ámbito del Movimiento, adoptando el abordaje (MINAYO, 1994) y técnicas de procedimientos exploratorio-explicativas (OLIVEIRA, 2007) y (GIL, 2005), utilizando el método del caso ampliado (LAGE, 2005) y el análisis de contenido temático (BARDIN, 2009). La vivencia en determinada realidad, es factor basilar para la construcción de la identidad de un sujeto, que se da a través de vivencias en una relación dialógica con el medio. El sujeto, en especial el Trabajador Rural sin Tierra, se ve en una condición subalternizada, y al entrar en contacto con Movimientos de los Trabajadores Sin Tierra, hay un proceso de concientización política adentrado en las prácticas educativas del Movimiento que contribuyen a la formación de identidades colectivas, culminando en un proceso emancipador. En este sentido, la Educación Popular presente en el Movimiento, se sitúa como una relación dialógica entre los sujetos y su medio, propiciando a los sujetos constituirse como protagonistas de sus propias historias, así la Educación Popular emerge en los Movimientos Sociales como una proposición a la perspectiva emancipatoria. Se percibe que la construcción de la identidad colectiva se da a través de las experiencias vivenciadas en el Movimiento, por medio de vivencias en los campamentos, en las reuniones, en las marchas, en las místicas, entre otras acciones que contribuyen de forma significativa a la formación de identidades colectivas.

PALABRAS CLAVE: Movimiento de los Trabajadores sin Tierra. Educación Popular. Identidades colectivas.

I. Introdução

Em meio à sociedade em que vivemos, podemos ver que o Trabalhador vem sendo desapropriado daquilo que ele mesmo produz, em detrimento ao sistema capitalista. Isto tem gerado certa "patologia social", já que o trabalhador, por vezes, pode sentir-se como se tivesse, e realmente lhe foi tirado, aquilo que o dignifica, que o faz ser o que é. Nesta linha, podemos notar que os trabalhadores rurais que não possuem terra, muitas vezes se organizam e tentam (re) configurar esta prática da sociedade capitalista do tempo presente.

Para o ser humano a vivência em determinada realidade, é fator fundamental para a construção da sua identidade, que se dá através das suas vivências numa relação dialógica com o meio. O sujeito, em especial o Trabalhador Rural Sem Terra, se vê em uma condição subalternizada, no sentido de que ele não possui o instrumento necessário, para plantar e para colher os frutos da sua dignidade, e do seu sustento.

E assim, as práticas educativas que estão adentradas nos Movimentos Sociais do Campo contribuem de alguma forma, para a formação de identidades militantes, sendo assim práticas que estão ligadas muito mais a vivência do dia-a-dia.

Podemos dizer que esta pesquisa nasceu do nosso desejo de conhecer, como as práticas emergidas dos Movimentos Sociais são capazes de forjar indivíduos militantes, que se formam na sua relação com o meio, e com os outros no interior dos Movimentos.

Para nós, compreender estas dimensões significa abranger os nossos olhares para além do processo educativo escolar, conhecendo as diversas formas de educação que estão fora do espaço escolar, mas que são vivências que educam mais que cartilhas, além de, conhecermos as lutas dos Movimentos que buscam uma reconfiguração da sociedade. Dentro deste tema, teremos por objetivo conhecer as práticas educativas que acontecem no âmago da luta dos Movimentos Sociais. Bem como, o cotidiano que vai forjando sujeito críticos, reflexivos, conscientes de seus papéis políticos e sociais.

Nesta perspectiva, procuramos entender: de que forma as práticas educativas dos Movimentos Sociais do Campo contribuem para a formação de identidades militantes/reflexivas?

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar como as práticas educativas estão adentradas nos Movimentos Sociais do Campo, fora do contexto escolar, que forjam identidades militantes.

Entre os objetivos específicos, podemos focar os seguintes:

(1) Identificar quais as práticas educativas que contribuem para a formação de sujeitos militantes;

(2) Apontar os principais processos educativos presentes na luta pelo direito, dos Movimentos Sociais, que propiciam uma formação politica diferente da escola regular;

(3) Aventar sobre a contribuição da educação que emerge na luta dos Movimentos Sociais, capazes de reconfigurar os sujeitos da nossa sociedade.

I. Marco teórico

Para entendermos o processo educativo no âmbito dos Movimentos Sociais, buscamos o diálogo com teóricos que no tratar sobre educação enquanto prática social propiciaram uma compreensão mais abrangente de como estas práticas, levam à formação de sujeitos mais conscientes, mais reflexivos, e também de como há uma construção coletiva de uma identidade, que emerge na troca diária de experiências entre os sujeitos. Nesta perspectiva Gonh diz que:

> A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela constrói no processo de luta que é si próprio, um movimento educativo. A cidadania não se constrói por decretos ou intervenções externas, programas ou agentes pré-configurados, ela se constrói com um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas. (Gonh, 2005).

Desta maneira os sujeitos dos Movimentos Sociais se reconfiguram a partir das vivências e ações coletivas, sendo assim também reconfigurados enquanto sujeitos individuais inseridos em um meio. Para dar conta de tantas informações que encontradas no campo, buscamos manter um diálogo com o próprio campo empírico e com os teóricos que fundamentam este exercício de pesquisa. Por meio do diálogo é que deixa-se claro o respeito mútuo, e é neste pensar que podemos construir contribuições sobre o campo, assim com afirma Freire:

> O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto na relação eu –tu (...) o diálogo se impõem como caminho pelo qual os

> homens ganham significação enquanto homens. (...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2005)

De fato, concordamos com esta afirmação de Freire, já que acreditamos que é nessa relação de dialogicidade que o ser humano social se faz, e se trona consciente/ ou não de seu papel na sociedade, e na história de seu tempo.

A educação presente nos Movimentos sociais vem sendo objeto de muitos estudos atualmente. Esta mudança de foco deve-se a singularidade encontrada no âmago dos Movimentos sociais. Muitos são as relações e os saberes encontrados no interior destes, relações estas que contestam as "leis sociais naturalizadas" do modelo de sociedade vigente.

Acreditamos que a militância contribui para a formação de sujeitos sociais ativistas, que ao mesmo tempo em que se constituem como seres individuais, também se configuram como seres coletivos e conscientes de seu papel social e politíco. Se constituindo a partir das relações de suas experiências cotidianas como protagonistas de suas histórias. Assim como aventa Freire:

> É a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. (Freire, 1984).

É nas questões da luta, nos gestos, nas marchas, que a identidade desses sujeitos vão se forjando, estes são mais educados/conscientizados em situações diárias, que em sala de aulas. No mesmo sentido, acreditamos que é na ação, e na resistência, é na própria cultura que os Movimentos Sociais se educam, pleiteando pela dignidade e subsistência de um povo. Assim como Caldart aventa:

> Esses gestos chocam os valores de ordem, propriedade, e se chocam em nosso imaginário cultural com valores de vida de dignidade, de infância. São gestos que educam mais do que cartilhas. Acultura mostra toda a sua força educativa e é assumida como uma matriz formadora.(Caldart, 2004)

De acordo com Caldart e também a partir das contribuições de Freire, os Movimentos Sociais propõem um novo olhar ao processo educativo, mostra que enfileirar sujeitos e "despejar"

conteúdos numa lousa não os faz, maiores ou melhores humanos. Já que estamos certas de que a educação jamais deve ser homogeneizadora, desrespeitando as peculiaridades das classes, dos povos e das pessoas. É partindo, do próprio sujeito que construiremos uma educação que realmente fará sentido para ele, e será capaz de libertar-los da alienação e das "grades" que a sociedade determina.

Neste sentido, no que se trata da educação como elemento emancipatório, ressaltamos que a educação popular se coloca como uma relação dialógica entre os sujeitos e o seu meio, propiciando a eles se constituírem como protagonistas de suas próprias histórias. Por este viés concordamos com Brandão ao que:

> Defini a educação como instrumento político de conscientização e politização, através da construção de um novo saber, ao invés de ser apenas um meio de transformação seletiva, a sujeitos e grupos populares, de um "saber dominante" de efeito "ajustador" à ordem vigente este é o sentido em que ela se propõe como uma ampla ação cultural para a liberdade a partir da prática pedagógica no momento de encontro entre educadores- educandos e educandos-educadores. (Brandão, 2006)

Dessa maneira, a educação popular surge nos Movimento Sociais como mais uma proposição na perspectiva emancipatória. Do mesmo modo como explicita Arroyo, os Movimentos Sociais trazem novas proposições à educação, como o autor explicita:

> Os Movimentos sociais nos puxam para radicalizar o pensar e fazer educativos na medida em que nos mostram sujeitos inseridos em processos de luta pelas condições elementaríssimas, por isso radicais, de viver como humanos. Nos propõe como tarefa captar as dramáticas questões que são vividas e postas nessas situações limite e revelá-las, explicitá-las, entrando eles mesmos como totalidades nos Movimentos.(Arroyo, 2003)

Diante do que aqui foi explanado, a educação nos Movimentos Sociais tem se configurado como uma prática que obtém muito sucesso na formação de sujeitos críticos e militantes, pois esta está presente em todos os momentos no âmago destas organizações. Os Movimentos sociais contribuem enriquecedoramente para a constituição de identidades coletivas, e militantes, como doscutimos no nosso trabalho.

Ao iniciar a discussão sobre Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, é imprescindivel tratar a questão da reforma agrária no Brasil, a luta pela terra que simboliza uma luta histórica entre

classes que desde muito cedo é configurada no nosso país, pois, quando se trata de reforma agrária no Brasil, deve-se levar em conta a história de ocupação das nossas terras.

Desde muito cedo, a estrutura fundiária foi se inventando de maneira muito injusta, já que o sistema de capitanias hereditárias distribuiu as terras do nosso país entre uma pequena parcela de donatários, o que acabou deixando grande parte da população sem o direito a terra.

Este processo histórico reflete a desigualdade social, e a exclusão de alguns em relação ao direito a terra, para concertar esta injustiça em relação a terra, atualmente um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil é o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que promove luta de trabalhadores rurais pela posse da terra, tema muito inquietante principalmente pela questão histórica, como constata Filippi, (2005) "qualquer discussão sobre a questão da terra passa, necessariamente, pela óbvia constatação de que há, historicamente, uma desigualdade gigantesca na posse da terra no Brasil."

Neste viés é pertinente compreendermos que a função da reforma agrária no Brasil seria promover de fato uma melhor distribuição da terra, como foi conceituada pela Lei 4504/64:

> Considera-se reforma agrária, o conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade.(LEI Nº 4.504, de Novembro de 1964)

Compreendendo os paradigmas a serem superados, na perspectiva da distribuição de terras no Brasil, entende-se que a questão da reforma agrária faz parte do cotidiano das pessoas que vivem e trabalham no campo, a sociedade brasileira já está habituada a conviver com a reforma agrária, como um engendro político que permeia a vida de todos nós, já que é uma questão que vai além da luta pela terra, esta simboliza uma muito maior: a luta pela desigualdade.

Pensando em todo processo de subalternização vivido pelo Trabalhador Sem Terra, e de como este processo é combatido, e até mesmo torna-se em um movimento emancipatório de libertação a partir da tomada de consciência e chamamento para a luta dentros dos Movimentos Sociais, é que reside a (re) construção de identidades coletivas, que trataremos a seguir.

O processo de (re) construção de identidade é entendido aqui como um processo dinâmico e contínuo, e pode (re) construir-se muitas, e muitas vezes durante a vida de um sujeito.

A identidade também é construída em meio à vivência coletiva, ou seja, durante a relação do individuo com o meio, e é neste sentido, que percebemos que os sujeitos envolvidos nos Movimentos Sociais, tendem a construir uma identidade coletiva que acaba por afirmar novas personalidades.

> A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". (Silva, 2000)

Por isso concordamos com Silva, pois acreditamos que ao definir-se como militante o sujeito, demarca as fronteiras as quais ele pertence, de maneira que exclui aquilo que já não lhe identifica. Deste modo, compreende- se que o sujeito passa a ser (re) lançado, a partir dos Movimentos Sociais, agora como autor de sua própria história, rompendo com uma história que só o admitiu enquanto mero espectador da história de seu tempo, diferente do que afirma Freire:

> Sua ingerência, senão quando destorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo- o da História e o da Cultura. (Freire, 1983).

Portanto, percebemos através da fala de Freire que da mesma forma como aventa Silva, é nas relações sociais, que é gestada uma nova identidade coletiva, que irá nortear as ações dos indivíduos pertencentes a este grupo social.

È nesta perspectiva de identidade coletiva, que emergem das relações sociais, que concordamos com Costa que afirma que:

> Uma identidade coletiva que é produzida a partir de significações elaboradas em suas experiências de luta quer internamente, quer externamente. Externamente com as experiências de ações institucionais e públicos. Internamente, com organizações de certa unidade em torno de determinadas relações sociais, como a sociabilidade e educação, ou,

> ainda, com estimulo de certas manifestações de emoções de sentimentos coletivos. (Costa, 2002)

Assim, pensamos que os Movimentos Sociais conseguem formar cidadãos críticos, portadores de identidades militantes e da coragem necessária para transformar a sociedade do tempo atual.

III. Metodología

Numa tentativa de considerar todo o universo rico, que este exercício de pesquisa nos proporcionou, utilizamos a pesquisa qualitativa, pois concordamos com Deslandes el. al. (1994) que diz que "a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças. Valores e atitudes, o que corresponde a fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Deslandes el. al., 1994, apud Lage)"

Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, utilizamos a pesquisa exploratória, porque pretendemos explorar a questão da dimensão educativa no MST. Será para nós, uma oportunidade de conhecer esta problemática sem limitá-la a um caso especifico. Por isso, fundamentamos o nosso exercício de pesquisa, numa abordagem de pesquisa exploratória explicativa, que segundo Gil (2005)

> São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que deterinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo des pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.(GIL, 2005)

Tratando-se então, de uma pesquisa de cunho explicativo, pretendemos oferecer uma explicação sobre o processo de formação nos Movimentos Sociais. Buscando não só conhecer a explicação de um fato isolado, mas sim a explicação de uma problemática determinada.

E ainda, para os fins pensados neste exercício de pesquisa utilizamos o método do caso alargado, que se inicia como estudo de caso, porém corrobora a estrita abrangência do caso, alargando os seus resultados na conclusão, este foi o caminho que percorremos neste estudo. Sendo assim, identificamos isso, quando Lage diz que:

> O método do caso alargado é um instrumento analítico que contribui para uma compreensão mais ampla da sociedade, a partir da análise restrita dos casos em estudo. (...) A análise é alargada nas suas implicações e não na amplitude ou profundidade de cada caso. (Lage, 2005)

Para os nossos estudos empíricos tivemos como campo de pesquisa o assentamento do MST, na fazenda Normandia localizada na zona rural de Caruaru, às margens da BR-104. O mesmo foi ocupado em 1996, após alguns conflitos de luta pela terra, os trabalhadores ganharam o direito de ocupar a terra e dela produzir sua dignidade e seu sustento.

É um assentamento muito importante para o Estado de Pernambuco, nele funciona o Centro de Formação Paulo Freire que recebe inúmeros sujeitos de vários assentamentos do estado, e onde é realizado um processo educacional que se difere do processo proposto pela educação escolar. Este se configura como um trabalho de educação politica, direcionado para as classes populares, e não só direcionado, já que o mesmo se faz, e se configura para e com os trabalhadores.

Os sujeitos do nosso exercício de pesquisa são dirigentes, coordenadores, militantes do Movimento e também sujeitos que já foram "assentados", ou seja, que já conseguiram um lote de terra para viverem e trabalharem. Além dos sujeitos iremos ainda coletar informações nos documentos dos programas de formação, e de registros do Movimento.

Como técnica de coleta de dados, utilizamos a metodologia da observação participante, que nos permitirá "observar além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos." (Lage, 2005). Além de utilizarmos de informações colhidas em conversas informais e em conversas dirigidas, e o diario de campo como instrumento de registro.

IV. Análises e discussão de dados

Para a tentativa de uma aproximação metodológica, utilizaremos a análise de conteúdo, já que está é um procedimento que segundo Franco (2008) "(...) é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem".

Diante da rica experiencia que este trabalho nos proporcionou no periodo de observação, emergiram duas amplas categoría analiticas: **Educação nos Movimentos Sociais e Identidades militantes** que discutiremos a seguir.

Educação nos Movimentos Sociais

Este estudo realizado com pesquisa bibliográfica e acompanhamento do cotidiano das famílias do assentamento Normandia, culmina numa análise de dados coletados através de conversas informais e do nosso diário de campo, um dos principais instrumentos aqui utilizados.

Podemos notar que a educação popular se dá através da vivência das práticas, ou seja, das formas de organização, participação e colocações dos assentados e militantes no Movimento.

> A gente tem muito a vivência, né? De fato, quando a gente fala que a prática para a gente ela é muito importante, por isso que Paulo Freire tem sempre os mestres nessas orientações, que a gente sempre fala, essa pra gente acho que é a maior concepção que o movimento herdou de Paulo Freire e continua fazendo, é claro que nessa caso tem outros teóricos, né? mas para mim são falas deles, que se transformam em princípios do Movimento pelo próprio Movimento. Então pra gente vai ser sempre a pedagogia do Movimento que vai gerando discussão, que vai gerando encaminhamento, esse movimento, que reuni a gente aqui, por exemplo. (Sujeito 1,Diário de campo 2)

Deste modo, consideramos que a educação, é um elemento segundo os próprios integrantes do Movimento, muito importante, como fica claro na fala do Sujeito 3:" È muito importante para nós que as nossas crianças estudem e participem do nosso Movimento."(Sujeito 3, Diário de campo 2) A educação é tida como um elemento crucial na construção do sentimento de pertença ao Movimento, como fala o Sujeito 4: " Nas nossas práticas diárias buscamos passar para nossas crianças os nossos valores" (Sujeito 4, Diário de campo 2).

Neste sentido a educação se constitui para o Movimento, como elemento articulador da práxis humana, e ainda como elemento formador de identidades, como aventa o Sujeito 1: " Há o fortalecimento dessa identidade, é esta pedagogia do Movimento que constrói as identidades". Sendo assim, a educação é um dos principais setores do Movimento, uma vez que esta têm grande relevância na formação dos indivíduos.

Em suma, podemos ver que os processos educativos nos Movimentos Sociais não se resumem as aulas como estamos habituados, o processo educativo está e vai muito mais além que os saberes escolares, estão nas ações diárias, e assim vão educando bem mais, problematizando a vida, e para a vida cotidiana.

Identidades militantes

Diante do que foi explanado, podemos notar que o próprio processo educativo que emerge da vivência no Movimento, se encarrega de forjar novas identidades coletiva, como podemos notar na fala do sujeito 1:"Eu não faço parte não, eu sou MST, porque a luta do dia-a-dia me fez de fato construir essa identidade[...] Esse Movimento é mágico, fantástico, falar disso me deixa emocionada".(Sujeito 1, Diário de campo 3). Ela continua o discurso quando diz que mesmo após a conquista do lote, ela continua sendo Sem Terra:

> Eu continuo sendo Sem Terra, mas, numa outra perspectiva na identidade que eu fui construindo ao longo dentro do Movimento. Num é que eu tenha terra e num precise mais, não, num é disso que eu estou falando. Por isso, falo da contínua existência da luta pelos direitos. (Sujeito 1, Diário de campo 3)

Do mesmo modo, esta fala de pertencimento e identificação com o Movimento se repete na fala do sujeito 3, quando ele diz que:

> O sofrimento é grande, o que sofri também aprendi, e hoje estou sorrindo. Fazer parte do MST me permitiu construir a minha dignidade [...] ao ver a plantação, a terra, os lotes, tem quem não se anime? (Sujeito 3, Diário de campo 3)

Nesta ótica estar no movimento permite aos militantes construir uma nova identidade, que se forja em meio a luta do Movimento, são formados sujeitos militantes conscientes de seu papel social e político, e isto não deve-se a educação formal escolar, e sim a educação popular que circunda as ações do Movimento, conforme foi relatado na fala do sujeito 2: " A gente tem doutores dentro do Movimento, dentro da organização, e esses doutores mal sabem escrever o próprio nome, mas politicamente são formados, porque são forjados pela luta. (Sujeito 2, Diário de campo 3)"

Esta fala mostra o quanto a luta dar conta de formar indivíduos, articuladores, críticos, conscientes, e que demonstram um sentimento muito grande de pertença ao grupo do MST. Estes elementos também encontram-se presentes na fala do presidente da associação dos moradores, que também é militante e assentado do Movimento:

> Quando a gente entra no Movimento, a gente passa a ser militante, e depois acampado, quando a gente ganha a terra, aí somos assentados, e tudo isso acontece no Movimento, mas não somos duas coisas, porque a gente também é o Movimento. (Sujeito 4, Diário de campo)

Como foi explicitado, pelos próprios integrantes do Movimento, ao se reconhecer como militante do MST, o sujeito assume uma nova identidade coletiva, que norteará suas ações.

Concordamos com Costa, pelo modo de percebemos, que a construção da identidade coletiva se dá através das experiências vivenciadas no Movimento, por meio de situações como o acampamento, as reuniões, as marchas, as místicas, entre outras ações que contribuem de forma eficaz para a formação de identidades militantes. Ou seja, a luta pelos direitos, que se dá todos os dias. Podemos notar isso na fala do sujeito 1:"Eu não faço parte não, eu sou MST, porque a luta do dia-a-dia me fez de fato construir essa identidade[...] Esse Movimento é mágico, fantástico, falar disso me deixa emocionada".(Sujeito 1, Diário de campo 3). Ainda nessa fala, percebemos que há um grande sentimento de pertença por parte do sujeito 1. Conotando assim o grande envolvimento dos sujeitos com as práticas desenvolvidas no Movimento.

V. Conclusões

Retomando a nossa questão inicial: de que forma as práticas educativas dos Movimentos Sociais do Campo contribuem para a formação de identidades militantes/reflexivas? A qual nos motivou a pesquisar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Podemos salientar que a referida organização tem como base de suas práticas a formação de indivíduos críticos reflexivos, de maneira cotidiana e por meio dos gestos, ações, marchas, lutas, místicas, formações e etc. A nosso ver é esta troca de experiências e conhecimentos que propicia, a cada sujeito, a construção de uma nova maneira der ser/pensar coletivamente.

Referente às questões da reforma agrária e da formação de identidades militantes, foi percebido que são muitos os elementos que fazem com que o Movimento Sem Terra se constitua como espaço formador, e de união e organização para as lutas.

E o bom resultado de configurar-se como sujeito crítico e militante, é que o individuo torna-se capaz de lutar pelos seus direitos, e refletir criticamente sobre suas práticas. Possibilitando uma radicalização no fazer educativo, já que este propõe a inserção dos sujeitos na luta pelas condições básicas de sobrevivência, sendo assim, os Movimentos nos convidam a construir uma educação feita a apartir da realidade dos educandos, e com os educandos, e para os educandos, pois só assim esta fará sentido.

Do mesmo modo, que os sujeitos que abraçam a causa da reforma agrária constituem estas identidades militantes, eles também conseguem adquiri a terra de onde irão tirar o seu sustento, e onde irão viver, construindo assim uma relação de pertença com o Movimento que mesmo depois de possuir a terra, este trabalhador jamais., deixará de ser Sem Terra, não se trata mais de ter ou não ter terra, se trata agora de afirma enquanto sujeito consciente de seu papel.

Salientando ainda que está em constante movimento, mediante as exigências do dia-a-dia do Movimento, os indivíduos mesmo depois da conquista dos lotes, vão alimentando a esta identidade reflexiva, já que estes sempre estão em movimento buscando a efetivação dos seus direitos.

Nesta ótica, notamos que de fato, as práticas educativas-reflexivas estão presentes em cada atividade desenvolvida no interior dos Movimentos Sociais, o que caracteriza de fato, o processo educativo exitoso no sentido da formação de sujeitos militantes.

Em suma, os nossos estudos e experiências no campo empírico nos levam a crer que foi possível identificar que as práticas educativas que estão adentradas nos Movimentos Sociais do Campo, como por exemplo, as lutas, as marchas, as místicas, as formações são capazes de forjar identidades militantes, pois estes elementos vêm de fato constituir um pensamento critico e reflexivo por parte dos atores socais envolvidos com o Movimento.

VI. Bibliografía

Arroyo, Miguel G.(2003). Pedagogias em movimento- O que temos a aprender dos Movimentos sociais**.** IN: Currículo sem Fronteiras, v. 3, n. 1, pp. 28-49, jan/ jun.

Brandão, Carlos Rodrigues. (2006) O que é educação popular Carlos Rodrigues Brandão. – São Paulo: Brasiliense.

Brasil. Lei Nº 4.504, de 30 de Novembro de 1964.

Caldart, Roseli Salete. (2004) Pedagogia do Movimento Sem Terra**.** 3º ed. São Paulo: Expressão Popular.

Costa, Sidiney Alves. (2002) Os Sem Terra e a educação: um estudo da tentativa de implantação da proposta pedagógica do MST em escolas de assentamentos no Estado de São Paulo/ Sidiney Alves Costas. – São Carlos: UFSCar.

Deslandes, Suely Ferreira. et. Al. (1994), Pesquisa social: teoria, método e criatividade**.** 17 ed. Petrópolis: Vozes.

Franco, Maria. (2008) Análise do conteúdo**.** 3º Ed. Brasília: Líber Livro.

Freire, Paulo. (2005) Pedagogia do Oprimido**.** Rio de Janeira, Paz e Terra.

Fillipi, Eduardo Ernesto. (2005) Reforma Agrária: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil**.** Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gonh, Maria da Glória. (2005) Movimentos Sociais e educação. São Paulo, Cortez, 2005.

Lage, Allene Carvalho. (2005) Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico : um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil, e da Associação in Loco/Portugal. Volume – I Dissertação de Doutoramento. Orientador: Boaventura de Sousa Santos, Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, Programa de Pós- Graduação em Sociologia.

Lage, Allene Carvalho. (2009) Orientações epistemológicas para pesquisa qualitativa**.** In. Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferença nas Políticas de Currículo. João Pessoa : UFPB.

Minayo, Maria Cecília de Souza. (2004) O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec.

[PDF] de ucs.br T. T. da Silva (2010) - ... Identidade e diferença**:** a perspectiva dos estudos..., 2000 – ead.usc.br Acesso: Outubro.